

## Entrevista a Carlos Gaspar: “Ucrânia e Taiwan podem ser dois momentos de uma guerra prolongada que se iniciou a 24 de Fevereiro”

*A Europa já morreu várias vezes, as mesmas em que conseguiu renascer. É este o tema central do novo livro de Carlos Gaspar, cujo título pode ser enganador: O Fim da Europa. Percorre a história do continente nos últimos 100 anos, de Versalhes a Berlim. A guerra vai levá-lo a escrever um novo capítulo.*

**Teresa de Sousa e Daniel Rocha (fotografia) | Público | 14 de outubro de 2022**

Carlos Gaspar é professor de Relações Internacionais, antigo consultor de chefes de Estado, investigador sénior do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI) e autor de várias obras, antes deste seu novo livro sobre *O Fim da Europa*, já tinha escrito um sobre o continente, *A Balança da Europa*. Esta entrevista parte do seu último livro para entender a viragem de tempo que estamos a viver, quando a guerra voltou à Europa. Pela primeira vez, desde Maio de 1945.

**O título do seu último livro, *O Fim da Europa* é, de algum modo, enganador. Não é sobre o fim da Europa. É sobre a capacidade da Europa se reinventar. É deliberado?**

“Fim” quer dizer também finalidade. Mas essa conotação só é forte se dissermos “fins” da Europa, e não “fim” da Europa.

**Seria menos enganador.**

Mas mais equívoco. As pessoas leriam “finalidades”. O último capítulo do meu livro anterior, *A Balança da Europa*, chama-se, precisamente, “O fim da Europa”. E o último deste chama-se “O regresso da Europa”.

**O livro, que percorre a história da Europa nos últimos 100 anos, é sobre essa capacidade de adaptação às diferentes épocas internacionais. De onde lhe vem essa capacidade? Da sua história?**

São duas coisas. O fim da Europa, em 1914 e em 1939, é uma tragédia. É a guerra e são as revoluções totalitárias. O que se passa depois é uma reinvenção falhada em 1919, já sob o signo da decadência europeia. O livro de Oswald Spengler sobre a decadência do Ocidente é escrito no fim da I Guerra. Toda a gente está de acordo com ele, mesmo Arnold Toynbee, que escreve o seu fresco histórico para tentar responder à tese de Spengler.

Reconhece que ele tem razão, mas pode ser que haja um milagre e que a civilização europeia se possa reinventar. E, de facto, é por milagre que ela se reinventa depois de 1945 – que é o milagre americano e que, apesar de tudo, assenta numa divisão trágica da Europa. A isso sucede-se outro milagre – a possibilidade de reunificar a Europa em 1991. Milagre partilhado entre a ousadia de Gorbatchov, a diplomacia de Bush e a revolução europeia – uma sublevação democrática que tinha de resto um precedente na revolução portuguesa de 1974. Uma forma de reinvenção improvável e imprevista.

**A partir da segunda reconstrução, depois da II Guerra, mas também depois do fim da Guerra Fria, os EUA têm um papel fundamental na reinvenção da Europa?**

Os Estados Unidos marcam todo este período, desde 1914 até aos nossos dias. E, de certa maneira, o fim da Europa é o princípio dos EUA. O fim dos séculos de dominação europeia é o princípio do século americano. Há uma relação ambígua entre a Europa e os EUA. Os Estados Unidos querem reinventar a Europa. A Europa reinventa-se a si própria, e quando se separa – e separa-se a partir do fim da I Guerra – da sua posição central no sistema internacional, é ela que reinventa o sistema internacional como um sistema de estados, a partir da Sociedade das Nações, que é uma invenção norte-americana, mas onde os EUA não conseguem sentar-se. O Congresso impede-o.

**Podemos dizer que entre as duas grandes guerras os EUA têm uma posição de algum retraimento?**

Sim e não. O isolacionismo já não é possível, embora ainda tenha muita força na política norte-americana.

**Não foi nada fácil para Roosevelt convencer os americanos de que tinham de intervir na II Guerra para salvar a Europa.**

Ele não conseguia intervir sozinho. Quem decidiu a intervenção foi Hitler, quando declarou guerra aos Estados Unidos, depois de Pearl Harbor. Nada o obrigava a fazê-lo. Os EUA tinham sido atacados pelo Japão e declararam guerra ao Japão, mas não havia condições políticas internas para declarar guerra à Alemanha. Os EUA prevalecem na II Guerra, tal como a União Soviética, e esse é o ponto mais baixo da Europa, que é partilhada e dividida ao meio entre uma potência não europeia e uma potência antiocidental.

**De qualquer modo, é a partir da II Guerra que a Europa funda a NATO e Comunidade Europeia. A sua reinvenção cria duas instituições poderosas, sobre as quais assenta a sua reconstrução, com os EUA a ter um papel fundamental.**

Exactamente. É uma reconstrução do modelo multilateral da Sociedade das Nações, quer para institucionalizar a aliança entre os EUA e as democracias europeias, quer para reordenar a Europa com as comunidades europeias.

**E com a presença dos EUA na Europa por via da NATO.**

Em primeiro lugar, os EUA estão na Europa como uma das quatro potências vencedoras da II Guerra que ocupam a Alemanha. Ainda lá estão e a presença deles continua a ser

a âncora fundamental da defesa europeia. Os EUA querem legitimar a sua presença na Europa num quadro multilateral e é nesse contexto que, a partir de uma iniciativa britânica, criam a NATO e, por iniciativa da França, criam a Comunidade Europeia – que pode ser criada a partir do momento em que a NATO garante uma presença americana permanente no centro da Europa para impedir a ressurgência da Alemanha.

## **A Europa de Berlim**

### **À terceira reconstrução, chama-lhe a Europa de Berlim. Porquê Berlim?**

Porque é a reunificação da Alemanha que funda a nova Europa, em que ainda vivemos. Não gostamos da referência à Europa de Berlim, mas ela é verdadeira.

### **Mas porquê de Berlim?**

A Alemanha não é só a principal potência europeia, é também o garante da fórmula original das comunidades europeias. E essa fórmula, desde 1950, é a reconstituição da Europa sem uma potência hegemónica. As comunidades são a negação duma Europa alemã, da Europa do III Reich, e, portanto, são uma Europa não hegemónica. O garante de que não haverá uma hegemonia europeia seja ela qual for (em 1950 a França era mais forte e a Inglaterra também). O garante da cláusula não-hegemónica, o fiel depositário desta cláusula que não está escrita em nenhum tratado, é a Alemanha. E enquanto a Alemanha for o depositário desta fórmula anti-hegemónica, nós vivemos na Europa de Berlim.

**Também há quem veja essa realidade pelo outro lado. A história da Europa depois da reunificação alemã é a história de como lidar com uma grande Alemanha renascida no seu centro.**

É a Alemanha que se integra a si própria. É a Alemanha que, no momento em que a unificação ainda não está completa, inicia as conferencias intergovernamentais

### **Que vão levar a Maastricht.**

E à união económica e monetária. É a Alemanha que comanda o alargamento – o duplo alargamento da Aliança Atlântica e da União Europeia, que redefine as fronteiras da democracia na Europa, depois de definir o modelo de ordenamento europeu. E é a Alemanha que garante a continuidade dessa Europa. Na crise do euro, é ela que tem um papel decisivo. É agora a Alemanha que quer consolidar as fronteiras da Europa depois da invasão russa da Ucrânia.

**Vivemos aqueles anos magníficos de 1990 a 2001, em que o mundo nos parecia uma caminhada inexorável para a democracia e a economia de mercado. Depois, houve o 11 de Setembro. Tudo muda.**

Mas a Alemanha continua a liderar o processo de integração europeia, com a Convenção e o Tratado Constitucional adoptado em 2005, e chumbado pela França. E o alargamento.

**Mas é também a partir dessa altura que a Alemanha começa a afastar-se dos EUA, com o “eixo da paz” com Putin, de oposição à guerra no Iraque. Onde é que nos leva essa divergência?**

O programa da Alemanha, desde a unificação, é restaurar a sua autonomia estratégica. E essa autonomia estratégica é a soberania europeia. Portanto, há uma tensão permanente entre a República Federal da Alemanha e os EUA, como há uma tensão permanente entre a autonomia estratégica europeia e a dependência estratégica da Europa dos EUA. O chanceler alemão [Gerhard Schroeder] diz [na altura] que qualquer que seja a posição do Conselho de Segurança a Alemanha é contra a invasão do Iraque.

**Por isso digo que há uma ruptura na política externa alemã que vai perdurar nos anos seguintes.**

Exacto.

**O que vimos depois, a partir de Merkel, é que a Alemanha se aproxima das duas potências revisionistas – China e Rússia. Hoje, estamos a pagar essa política de Berlim?**

Paradoxalmente, Merkel é herdeira da Ostpolitik de Willy Brandt. Acredita que é possível restaurar uma grande Europa, incluindo a Rússia pós-soviética. Os americanos também achavam isso. É James Baker que, em 1989, em Berlim e antes da queda do Muro, diz que os EUA querem uma Europa comunitária, uma Europa transatlântica e uma Europa euro-atlântica – de Vancouver a Vladivostok. É uma invenção americana.

**Nessa invenção, os EUA estão presentes. Com Merkel não é bem assim.**

Com a Merkel também. O melhor amigo da chanceler era o Presidente Obama. A chanceler acreditou até ao fim que era possível realizar esse grande desígnio. Não sei se ainda acredita. Enganou-se ou deixou-se enganar pela Rússia.

**Nessa altura, antes da guerra, o Presidente Macron também alinhou nessa política de aproximação à Rússia, na velha tradição gaullista.**

Mas deixou de alinhar, com a sua proposta da Comunidade Política Europeia (CPE), que é o contrário do projecto da Europa dos círculos concêntricos de Mitterrand, que acabou em Praga. A Confederação Europeia de Mitterrand servia para incluir a Rússia numa grande Europa e excluir a Europa Central e Oriental da União Europeia. A CPE existe para excluir a Rússia e alargar as fronteiras da Europa até à Ucrânia.

**Em que medida é que foi esta Europa de Merkel que nos conduziu directamente à guerra? A Europa de Berlim falhou?**

Não. Quer dizer que esse projecto de reintegração da Rússia no todo europeu falhou. A origem deste novo ciclo inicia-se em 1918. A ruptura de 1917, a revolução bolchevique na Rússia e a criação da União Soviética, marcam uma separação duradoura entre a Rússia e a Europa. Com Gorbachov e Ieltsin foi possível brevemente imaginar a reconstrução de uma Grande Europa. Ou de uma comunidade euro-atlântica, como diziam os americanos desde 1989.

O Presidente Putin confirmou que a ruptura de 1917 é, afinal, uma ruptura duradoura. Não irreversível, mas duradoura. Os EUA tentaram revertê-la. Clinton fez tudo para estabelecer uma aliança entre os EUA e a Rússia. Esse projecto continuou. A chanceler Merkel foi dele a última portadora, que nos parece, neste momento, inteiramente arcaico. O que é extraordinário é que tudo isto se passou há poucos meses e esta ideia de que a Rússia podia voltar a fazer parte de uma grande Europa parece-nos uma ideia do século passado.

## **As democracias não quiseram ver**

### **Como foi possível que europeus e norte-americanos se enganassem tanto com Putin?**

Perceberam a deriva autoritária da Rússia. Toda a gente tinha a obrigação de saber que há uma relação entre a reconstrução de um regime fascista e a guerra. Fascismo e guerra são inseparáveis. Putin é eleito na sequência da guerra na Tchetchénia. Há uma linha de continuidade que todos podem reconhecer, mas que as elites políticas europeias e americanas recusam. E recusam porque ela nega a globalização, a ordem liberal internacional, nega a Europa, nega a realidade euro-atlântica, nega o mundo kantiano.

No dia 24 de Fevereiro, passámos de um mundo kantiano da racionalidade da cooperação para o mundo de Spinoza, o império das paixões, em que as paixões negativas lutam contra as paixões positivas.

### **O chanceler Scholz fez um discurso no Bundestag, apenas três dias depois do início da invasão, anunciando uma nova era que implicava profundas mudanças na política externa e de defesa alemã.**

Foi o único político que encontrou as palavras certas no momento certo. Foi um chanceler alemão que, pela primeira vez desde a II Guerra Mundial, definiu esse novo sentido, e isso teria sido impensável antes desta guerra. O facto de ter sido três dias depois é importante no sentido em que mostra que o chanceler, o SPD, a coligação que lidera, em suma, a Alemanha estava preparada para essa mudança.

### **Mesmo assim, há críticas internas sobre as demasiadas hesitações de Scholz no fornecimento de armas.**

No tempo da chanceler Merkel, a Alemanha recusava-se a fornecer qualquer tipo de armamento à Ucrânia. Os alemães, desde o dia 24 de Fevereiro, têm dado os passos certos e decisivos em relação à Ucrânia e em relação à Rússia. Em três sentidos. Primeiro, são os alemães que dizem que a Ucrânia vai entrar na União Europeia – foi reiterá-lo agora a Praga pelo chanceler, que não diz, como outros, que vai levar décadas. Isso é decisivo. A identidade europeia da Ucrânia ficou esclarecida em Bruxelas, com a posição da presidente da Comissão, e em Praga, pelo chanceler Scholz.

Segundo ponto decisivo: a Alemanha está a pôr fim à dependência energética da Rússia. Ninguém acreditava que isso fosse possível, mesmo depois da invasão. Em terceiro lugar, o chanceler alemão disse – e isso não criou nenhuma crise europeia – que a

Alemanha ia voltar a ter o maior exército europeu. Vai duplicar o orçamento da Defesa, que passa a ser o quarto orçamento do mundo, depois dos EUA, da China e do Japão, que também tomou uma decisão no mesmo sentido. E pôde dizer isso sem que houvesse qualquer drama em Londres, em Paris ou em Varsóvia. E se esse programa for executado nos prazos necessários, isso significa que vai passar a existir um exército europeu.

**Entretanto, verificaram-se três coisas, que não eram inevitáveis, nestes sete meses de guerras. A União consegue manter a sua unidade e está a aprovar o oitavo pacote de sanções. A relação transatlântica está sólida. A ideia da soberania estratégica europeia em relação aos EUA desapareceu. Temos outra Europa? Outra reconstrução?**

É a mesma Europa corrigida e aumentada. Mas a soberania europeia está em marcha com a reconstrução das forças armadas alemãs e a formação de um exército europeu, que se vai formar na NATO, onde sempre esteve. Mas com uma relação diferente. Os alemães têm a perfeita noção, como os franceses ou os britânicos, de que a prioridade para os EUA é a China e não a Rússia.

A NATO está em grande forma, mas profundamente dividida no sentido em que o inimigo principal dos EUA não é o inimigo principal da Europa. E a maneira de ultrapassar essa divergência é garantir que a NATO é essencialmente europeia – que os europeus não são um terço da NATO, mas que são metade. Os EUA não são substituíveis na dimensão nuclear, mas são substituíveis na capacidade convencional. E a europeização da NATO é a capacidade que têm os europeus de derrotar uma agressão convencional da Rússia contra um país da Aliança ou da União Europeia.

## **Uma só guerra**

**Justamente, para a doutrina estratégica americana, a China é o adversário principal e a maior ameaça à sua hegemonia. Como é que Washington pode lidar com estas duas frentes: a europeia e a asiática?**

A Ucrânia e Taiwan podem ser dois momentos de uma guerra prolongada que se iniciou a 24 de Fevereiro de 2022. Provavelmente, os EUA estão numa melhor posição para ver isso do que os seus parceiros europeus. Há pouco, falámos do Presidente Roosevelt, que percebia que a guerra contra o Japão também se ganhava na Europa contra a Alemanha. Ele estava fora da guerra e era o único que tinha uma visão verdadeiramente global da guerra.

Agora, estamos em guerra na Europa. A paz na Europa que existia desde o dia 8 de Maio de 1945 acabou. Na Ásia, a guerra acabou um pouco mais tarde e houve outras guerras depois disso. Na Coreia, no Vietname, entre a Índia e o Paquistão, no Afeganistão. Mas há uma espécie de dialéctica entre a guerra na Ucrânia e a crise de Taiwan, que se está a revelar. Taiwan é uma questão absolutamente crítica para o regime comunista chinês, que está numa contagem decrescente, determinada pelo próprio Presidente Xi Jinping, que disse que ia resolver a questão de Taiwan durante o seu tempo. Se for nomeado

para um terceiro mandato como secretário-geral, isso quer dizer nos próximos quatro anos.

A única maneira de resolver a questão de Taiwan do ponto de vista de Pequim é a invasão. Nesse sentido, estamos num mundo muito mais perigoso. É o regresso da guerra à Europa e é o regresso da guerra nas relações entre as grandes potências. Não necessariamente uma guerra total ou uma guerra nuclear, mas provavelmente uma guerra prolongada.

Os EUA fizeram tudo para a guerra na Ucrânia não começar como vão fazer tudo para não haver uma guerra com a China. São eles o garante da estabilidade internacional. As potências revisionistas estão determinadas a pôr em causa essa estabilidade. E a capacidade de os EUA a manterem está comprometida desde o dia 24 de Fevereiro – o que representa uma derrota para eles. Os Estados Unidos conseguiram impedir uma guerra entre potências desde Maio de 1945 até agora. Já não o conseguem fazer, o que significa que já não são uma potência hegemónica.

**Toda a gente anuncia o declínio do poder americano, mas a actual conjuntura internacional também nos mostra que ainda têm um enorme poder.**

Mas há uma mudança qualitativa na política internacional. Saímos de um período em que os EUA eram capazes de impedir a guerra entre potências, designadamente na Europa. E deixaram de ser capazes.

**E a relação entre a China e a Rússia?**

É uma relação de aliança. Moscovo e Pequim rejeitam que haja uma aliança. Não gostam de alianças, não têm praticamente aliados. O único aliado formal da China é a Coreia do Norte. A Rússia não tem aliados. A parceria estratégica com a Rússia, que foi iniciada em 1996, entre o Presidente Boris Ieltsin e o secretário-geral Jiang Zemin, foi vista por quase todos os analistas como precária e contra-intuitiva. Reforçou-se constantemente, porque a China e a Rússia têm um adversário comum, que são os Estados Unidos e a ordem internacional das democracias. É uma aliança competitiva. Nós estamos habituados a um tipo de alianças hegemónicas, em que os EUA são decisivos. A aliança entre a China e a Rússia é uma aliança entre pares.

**Entre pares em que um par é muito mais forte do que o outro.**

Depende dos capítulos. Entre pares, quero dizer como na II Guerra. No pacto com a União Soviética, a Alemanha hitleriana não informa o Japão, que é seu aliado. Quando o Japão ataca Pearl Harbour não pede licença a Hitler. São alianças competitivas entre potências soberanistas que têm a sua própria lógica. Mas nem por isso são alianças menos fortes e menos efectivas.

**Há dezenas de livros publicados sobre a crise das democracias. Biden fala da competição entre democracias e autocracias como definidora do nosso tempo. A Europa está a atravessar uma fase de recomposição do seu sistema político partidário**

**que não sabemos onde vai levar. Há um risco interno de enfraquecimento das democracias, para além dos desafios externos?**

As democracias estão sempre em crise. É a própria definição de democracia – conseguir resolver pacificamente os seus conflitos internos. É isso que tem acontecido e é isso que vai continuar a acontecer. E não acho que exista qualquer risco de ruptura nas democracias constitucionais e pluralistas, europeias, norte-americanas, asiáticas. Todas são imperfeitas, estão sempre em crise, mas têm, apesar de tudo, uma capacidade para se manterem como regimes constitucionais que os regimes autocráticos não têm. Esses regimes são mais vulneráveis do que as democracias.

<https://www.publico.pt/2022/10/14/mundo/entrevista/carlos-gaspar-ucrania-taiwan-podem-dois-momentos-guerra-prolongada-iniciou-24-fevereiro-2023998>